

AS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: O SETOR TÊXTIL E DE CONFECÇÕES

Ailton Luchiari¹

Resumo: Nos dias de hoje, o mundo do trabalho sofre reestruturação, novas ocupações aparecem e indivíduos migram para novos empregos. Apesar disso, algumas formas de atividades ainda persistem neste âmbito. As mulheres trabalhadoras em atividades atreladas ao setor têxtil e de confecções ainda consiste em uma das ocupações que persistem nessas transformações. Baseando-se no tratamento e na análise das informações contidas nos recenseamentos gerais de 2000 e 2010, o objetivo deste artigo consiste em caracterizar as mulheres inseridas neste tipo de ocupação laboral, no Oeste e no Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo.

Palavras-chaves: trabalho feminino, cartografia temática, dados censitários, análise de dados, reestruturação econômica.

WOMEN WORKERS IN ACTIVITIES LINKED TO THE TEXTILE AND CLOTHING INDUSTRY

Abstract: Nowadays, the world of work undergoes restructuring, new occupations appear and individuals migrate to new jobs. Nevertheless, some forms of activities still persist in this area. Women workers in activities linked to the textile and clothing industry is still in one of the occupations that remain in these transformations. Relying on the treatment and analysis of the information contained in the general census of 2000 and 2010, the purpose of this article is to characterize the women in this type of labor occupation in the West and South West Metropolitan Region of São Paulo.

Keywords: female labor, thematic mapping, census data, data analysis, economic restructuring.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, o mundo do trabalho sofre reestruturação, novas ocupações aparecem e indivíduos migram para novos empregos. Apesar disso, algumas formas de atividades ainda persistem neste âmbito. As grandes cidades lideram e comandam vastos territórios, além de serem receptáculos dos migrantes provenientes de outros lugares. Essas transformações implicam em alterações na sociedade e, como consequência, modificações em formas e padrões estruturais do espaço.

A reestruturação produtiva da economia gera modificações na estrutura social das grandes cidades, muitos indivíduos estão migrando para o setor de serviços, o trabalho na indústria

¹ Professor no Departamento de Geografia - USP. E-mail: aluchiar@usp.br

apresenta um decréscimo em suas vagas, o campo profissional está aberto às mulheres, e os jovens vislumbram, cada vez mais, sua inserção na sociedade por intermédio do trabalho. Entretanto, essas transformações no perfil do mercado de trabalho não incluem todos os indivíduos de maneira igualitária, pois os mais qualificados e instruídos, que são em menor número, alçam os melhores postos e os mais altos ganhos, enquanto os menos qualificados e com baixo nível de instrução, que podem ser muitos, passam ao largo das benesses advindas desse processo de mudanças econômicas e sociais. Nas grandes cidades os que conseguem os altos postos irão habitar nos melhores lugares, aqueles mais caros e repletos de serviços essenciais e de instalações destinadas ao lazer; enquanto os destituídos de elevadas posições no mercado de trabalho irão morar em lugares menos valorizados, onde há falta de serviços e de equipamentos de lazer.

Identificar, mensurar e localizar atributos e padrões no espaço consiste no propósito da técnica auxiliar da Geografia, a Cartografia Temática, também denominada Cartografia Geográfica. Antes esse ramo da Cartografia foi de interesse quase que exclusivo dos geógrafos, hoje diversos pesquisadores fazem uso de seus princípios em suas investigações. Os avanços e a difusão das tecnologias do Sensoriamento Remoto e dos Sistemas de Informação Geográfica foram os responsáveis pela propagação das bases da Cartografia Temática para outras áreas do conhecimento. Aliada a essas tecnologias, a informática tornou possível o tratamento de grande quantidade de dados, sejam em formato visual, ou em formato alfanumérico. Esses dados à medida que passam por tratamentos específicos tornam-se informação, podendo resultar em mapas, gráficos ou tabelas. Portanto, informações imprescindíveis para aqueles estudiosos preocupados em identificar padrões e distribuições na superfície terrestre.

A difusão dos aparelhos de informática, dos programas computacionais e a rede mundial de computadores permitem que cidadãos tenham o acesso a uma enorme variedade de dados. Alguns países, dentre eles o Brasil, por meio de órgãos e instituições disponibilizam dados oficiais ao público. Esses dados são distribuídos mediante dois formatos, os agregados e os desagregados. Os primeiros constituem informação básica e podem, posteriormente, sofrer tratamentos específicos para geração de nova informação. Os segundos são dados brutos, imagens ou questionários, e necessitam de tratamento especial para se transformarem em informação.

Os dados, desde que submetidos ao tratamento adequado, servem a diversos propósitos, principalmente para estudos em várias ordens de grandeza cartográficas. Em vista disto, esta pesquisa consiste em uma análise exploratória de dados buscando delinear as características gerais das mulheres trabalhadoras no ramo têxtil e de confecções, denominado também de vestuário, nos primeiros dez anos do século XXI.

O recorte espacial consiste em um grupo de municípios inseridos na Região Metropolitana de São Paulo, área que se destaca por ser o objeto de muitos empreendimentos imobiliários recentes como os condomínios empresariais, os condomínios logísticos, os condomínios habitacionais, além de ser alvo de loteamentos populares, irregulares ou clandestinos. A escolha da área é justificada pela carência de estudos em outras partes da região metropolitana a não ser a unidade administrativa sede, o município de São Paulo, detentora de grande quantidade de informação. A pesquisa baseou-se nos dados primitivos coletados nos recenseamentos gerais. Os dados oficiais foram submetidos ao tratamento estatístico e, depois, submetidos à elaboração de mapas mediante o auxílio de recursos inseridos em programas computacionais.

O Atual período mundial

O período atual, denominado por Santos (2006) de meio técnico-científico-informacional, iniciou-se após a Segunda Guerra Mundial, nos países centrais, e conseguiu atingir os países do Terceiro Mundo nos anos 1970. O período é caracterizado pela possibilidade de transferência de produtos e ordens à distância, com a inserção de novas técnicas de produção e novas técnicas organizacionais nos lugares.

O período marca a descentralização de unidades produtivas de empresas hegemônicas que se instalam nos países subdesenvolvidos, para aproveitar a mão de obra barata e promover a ampliação do mercado. Essas grandes corporações tornam-se mais poderosas que o Estado, o qual, por sua vez, tem o papel de oferecer incentivos à alocação das unidades produtivas. Disponibilidade de energia, sistemas de transporte, financiamentos e redução de tributos foram os principais estímulos proporcionados por esses Estados.

Em alguns países subdesenvolvidos, prioritariamente nas grandes cidades, ou em suas proximidades, instalam-se as filiais, as subsidiárias, das grandes multinacionais. Oliveira (2005) destaca que não só ocorreu a instalação dessas subsidiárias, mas a fusão entre empresas nacionais e multinacionais. Essas unidades fabris mantinham, nesses locais, todo o

processo produtivo, bem como todo corpo técnico de administradores, o que configurava características industriais às cidades que as recebiam, caracterizando uma estrutura passada de produção.

Santos (2006: 183) destaca ainda outro estágio do capitalismo mundial atual, a fase atual iniciada em 1980, a etapa da terceira informática assentada nas técnicas de informação. Essa era das comunicações combina a tecnologia digital, a política neoliberal e os mercados globais.

As tecnologias de comunicação, aliadas à rede de computadores e sua alta capacidade de processamento de dados, conduzem à aceleração para a integração global e a articulação dos mercados financeiros, dirigem também o encadeamento segmentado da produção e do comércio mundial (CASTELLS, 1999: 98). Competitividade é uma das palavras chaves deste período, termo usado para significar a conquista de novas fatias do mercado.

Nesse contexto, as transferências de ordens, ações, são engendradas por atores hegemônicos da economia, da política e da cultura (SANTOS 2006), principalmente pelas empresas multinacionais que ditam novas regras aos lugares. Estes, por sua vez, transformam-se para obterem inserção na economia internacional.

O meio-técnico-científico-informacional caracteriza-se pela adoção por parte das empresas, principalmente as multinacionais, de uma nova lógica organizacional. A produção em massa deu lugar à produção flexível para superar a rigidez da primeira. Os pontos fundamentais dessa organização constituem-se de: economia de mão de obra, automação de trabalhos e supressão de camadas administrativas; aumento da flexibilidade de produção; ampla interatividade com a tecnologia da informação (CASTELLS, 1999). Essa nova dinâmica possibilitou a produção de diversos modelos de um mesmo produto (automóvel, por exemplo), com maior controle de qualidade e mediante a redução de estoques, ou seja, possibilitou o suprimento do mercado com aquilo que é demandado.

Diante das transformações as empresas passam a operar em cadeia. A reorganização das empresas em rede exige, das situadas no topo da cadeia, mão de obra qualificada para desempenhar várias funções (multifuncional) e provida de espírito colaborativo. Portanto, ao operariado é requerido um grau de instrução elevado e uma índole cooperativa, adquiridas por intermédio da educação formal e de cursos de requalificação profissional.

No segundo nível da cadeia, estão inseridas as fornecedoras de primeira linha, empresas altamente especializadas, detentoras de tecnologias modernas, para a fabricação e para a

entrega, em tempo hábil, de seus componentes (peças e acessórios) com elevado nível tecnológico. Assim como as empresas situadas no topo da cadeia, essas firmas de primeira linha requerem mão de obra muito especializada e bem remunerada.

Comandadas, ou subcontratadas, pelas empresas do segundo nível, situam-se as firmas de níveis inferiores. Essas empresas de terceiro e de quarto níveis produzem subcomponentes e peças individuais com baixo conteúdo tecnológico (LEITE 2003: 131-132). Em virtude de produzirem itens específicos com baixo valor agregado, tais empresas podem contratar indivíduos com pouca qualificação profissional e de baixa remuneração. Este é o nicho do mercado de trabalho em que ganham força as mulheres e os jovens, e por outro lado estão também os trabalhadores não qualificados, que, muitas vezes, compõem a maioria dos empregados das firmas inseridas neste elo da cadeia.

Nessa metamorfose econômica os Estados Nacionais possuem papel preponderante. Das regras mais comuns, e não menos importante, efetivadas conjuntamente entre os Estados e as empresas multinacionais, é a de subverter os regulamentos trabalhistas, em que novas relações jurídicas entre empregado e empregador são estabelecidas, resultando no aumento da informalidade, nas contratações de mão de obra em tempo determinado e no crescimento do setor de serviços nas grandes cidades. As instituições, dessa maneira, produzem novas normas, novas ordens e novas legitimações ao serviço das empresas hegemônicas.

No contexto da reestruturação produtiva, são as grandes cidades, as metrópoles dos países em desenvolvimento tardio e em seus espaços luminosos, que aparecem as novas ocupações no mercado de trabalho ligadas aos serviços de gestão, assessoria, administração, consultoria, publicidade, eventos, comércio exterior, tecnologia da informação, setor financeiro, dentre outras (BERNARDES, 2011). São ocupações, em sua maior parcela, ligadas ao setor quaternário, as quais exigem níveis altíssimos de qualificação e instrução, são aquelas atribuições para as pessoas aptas a manipular objetos técnicos (SANTOS e SILVEIRA, 2011). Pode ser, também, que exista uma parcela preponderante do trabalho feminino participando deste novo mercado de trabalho, como apontado por Castells (1999: 318). São essas profissões, em sua maioria, que comandam um país e, por sua vez, efetuam conexões com o mundo. Essa parcela de profissionais pode representar uma fração minúscula dentro da força de trabalho dessas grandes metrópoles.

A grande cidade apresenta os espaços luminosos, mas, ao mesmo tempo, constitui o espaço dos pobres, dos excluídos, das minorias, onde esses podem sobreviver (SANTOS, 2006). É o lugar de atração da grande massa de migrantes que não pode mais subsistir no campo. Exercem atividades econômicas tradicionais e marginalizadas e habitam os lugares opacos, áreas sem modernidade, dentro da grande cidade. Esses atores não participam do círculo da racionalidade hegemônica, mas a esta racionalidade, de certo modo, estão subordinados.

Esses espaços opacos revelam que nem todos participam da riqueza das grandes cidades, são espaços onde aparecem as oficinas mecânicas de automóveis, de reparos de máquinas e eletrodomésticos, e onde habitam as faxineiras, as domésticas, os trabalhadores da construção civil que efetuam pequenas reformas. Como salienta Silveira (2004), para esta camada da população, as próprias moradias tornam-se os espaços de seus pequenos negócios, como os das costureiras e o dos proprietários de veículos que fazem pequenos carretos e pequenas mudanças. Serviços e ocupações, em sua maioria, dificilmente revelados pelas estatísticas coletadas pelos órgãos oficiais.

Na grande cidade encontra-se uma densidade técnica bastante alta, há uma gama enorme de objetos carregados de informação, há os espaços luminosos. Nessas cidades são encontradas as formas mais significativas de segregação e de desigualdade, pois também é o lugar da pobreza urbana e do espaço dividido (SANTOS, 2009 e SANTOS, 2004).

O setor têxtil e de confecções

O setor industrial têxtil e de confecções possui, em uma de suas fases de segmentação, as características do circuito inferior apontado por Santos (2004). Utiliza quase que exclusivamente a mão de obra feminina, muitas vezes, temporária. Essas trabalhadoras arcam com a aquisição de maquinário de segunda mão e desempenham muitas de suas atividades em domicílio. Pode-se dizer que as atividades são destituídas de conteúdo de alta tecnologia, fato causador dos baixos rendimentos percebidos.

Martinez (2008) retrata a segmentação na indústria de confecções. Este setor industrial pode ser dividido em três segmentos significativos a fase do design e do corte, a montagem das peças e a fase de inspeção e embalagem.

A primeira fase sofreu modernizações com o advento da disseminação da informática, os sistemas de desenho e de corte dos tecidos são realizados com auxílio de computadores. Esta primeira etapa da produção é realizada nas empresas detentoras das marcas e das

grifes, em que o design das roupas e o corte dos moldes exigem pessoal qualificado para desempenhar essas operações. Apesar dessas empresas, possuem trabalhadores para a montagem das peças do vestuário, a maior parte das atividades são realizadas por pequenas firmas terceirizadas e por trabalhadoras em domicílio. Estas trabalhadoras, muitas vezes são subcontratadas por essas empresas terceirizadas. Assim, a empresa situada no topo da cadeia fica desobrigada de arcar com os encargos trabalhistas como horas extras, férias e demais direitos aos subcontratados, pagando apenas pela quantidade de peças produzidas. Apesar dos avanços tecnológicos, a segunda etapa da produção, a montagem das peças, não exige um trabalho com alta qualificação, isto é um trabalho destituído de conteúdo. A montagem das peças é executada pelos empregados das firmas subcontratadas, e quando a quantidade de peças é volumosa essas empresas subcontratam trabalhadoras que desempenham suas atividades em domicílio, geralmente operadoras de máquinas de costura.. Os rendimentos auferidos à empresa subcontratada e as trabalhadoras em domicílio está relacionado à quantidade de peças produzidas. Dessa maneira, os trabalhadores são obrigados a dispendem de tempo extra para conseguirem entregar a produção em tempo hábil, exigindo maior quantidade de horas diárias trabalhadas. No processo de subcontratação de trabalhadoras em domicílio, estas é que arcam com a aquisição dos meios de produção, máquinas usadas adquiridas por meio de financiamento, custos com energia elétrica e os encargos de um trabalhador autônomo. As empresas situadas no segundo nível da cadeia também arcam com essas obrigações, quando não possuem empregados sem carteira assinada.

As peças ao retornarem á empresa do topo da cadeia são submetidas ao processo de controle de qualidade, colocação de etiquetas e embaladas para serem colocadas ao atacado, ao varejo e às lojas franqueadas. Este é o ultimo nível da linha de produção.

O ramo têxtil segue o mesmo processo de produção, este processo é mais conhecido como fezonismo. As empresas do topo da cadeia produzem, ou compram os fios, transformando-os em rolos, os quais são enviados as pequenas empresas produtoras do tecido. A empresa do segundo nível utiliza, prioritariamente, a mão de obra familiar e possui teares usados para a produção. O tecido produzido, então retornado para a empresa de primeiro nível, passa pelos processos de beneficiamento, tinturaria e estamparia, e só depois colocados no mercado.

Nesta pesquisa, o enfoque principal constitui na caracterização das operadoras de máquinas de costura, prioritariamente, já que 94% das pessoas entrevistadas estão incluídas nesta categoria socioprofissional.

A cartografia e seu papel na geografia

Os geógrafos, assim como outros cientistas envolvidos com a temática urbana, têm preocupações com a distribuição espacial dos processos presentes nas metrópoles e procuram estudá-los por meio de representações. Para tanto, utilizam-se da ciência cartográfica, mais especificamente dos recursos proporcionados pela cartografia temática, como suporte aos seus estudos. Ao se apropriarem desses recursos, os pesquisadores desenvolvem métodos especiais de elaboração e de combinação de cartas e mapas. Como técnicas para a construção de mapas empregam, geralmente, os produtos do sensoriamento remoto e dados coletados por órgão oficiais como fonte de dados, e os sistemas de informação geográfica para o tratamento desses dados.

A cartografia pode ser dividida em dois ramos principais, o primeiro, mais conhecido, tem como objetivo representar a superfície terrestre, por meio da localização exata de detalhes naturais e artificiais. Assim, sua preocupação está voltada para a confecção de mapas e cartas topográficos, os quais possuem escala, projeção e aspectos do relevo traduzidos por uma simbologia composta por pontos, linhas e áreas. Esta é a cartografia de base e está sob a responsabilidade dos engenheiros cartógrafos, os profissionais preparados para executarem todas as etapas de confecção das cartas topográficas (SANCHEZ, 1973).

O outro ramo consiste na cartografia temática, a qual utiliza os produtos da cartografia de base para elaboração de mapas derivados e outras representações. Neste ramo estão envolvidos profissionais diversos como os geólogos, os agrônomos, os sociólogos, os estatísticos e os geógrafos, dentre outros. Sobre as bases cartográficas, ou bases de referência, esses profissionais lançam informações advindas de tratamento de dados efetuados anteriormente e, assim, elaboram os mapas temáticos. Conforme Slocum *et al* (2009) os mapas temáticos, ou mapas estatísticos, são utilizados para enfatizar o padrão espacial da distribuição de um ou mais atributos geográficos, ou de variáveis, tais como a da densidade da população, a da renda familiar e a da temperatura diária.

As representações cartográficas baseadas em dados censitários, sob a forma de tabelas, seguem alguns princípios de produção, ou fluxo de trabalho, relacionadas às operações de

compilação, de análise, de correlação e de elaboração do produto de síntese. Ao invés de serem executadas as combinações sucessivas entre os produtos cartográficos, as operações requerem o tratamento de dados baseados na estatística. Os dados censitários, geralmente quantitativos, são coletados e publicados de maneira a corresponderem a unidades espaciais específicas. Essas unidades espaciais equivalem aos setores censitários, aos distritos, aos municípios, às microrregiões, às mesorregiões e às unidades da federação. Dessa forma, o profissional que manuseia os dados e os transforma em mapas necessita, primordialmente, de uma base cartográfica retratando o conjunto dessas unidades espaciais específicas.

Os dados tabulares são, geralmente, encontrados em publicações especialmente organizadas por órgãos públicos como os recenseamentos e os anuários. Os dados também podem ser o fruto de levantamentos efetuados pelo próprio pesquisador por intermédio da aplicação de questionários e entrevistas.

No atual período técnico-científico-informacional, os avanços proporcionados pela informática possibilitaram que todas essas combinações entre dados, realizadas pelos procedimentos cartográficos manuais, pudessem ser efetuadas com maior rapidez e precisão. Aliado a isso, ampliou-se o volume de dados a serem manipulados, principalmente com o auxílio dos Sistemas de Informação Geográfica baseados em computadores. As técnicas manuais de tratamento de dados foram incorporadas aos programas computacionais, potencializando a gama de aplicações. No que diz respeito à Geografia, houve novas formas de apresentação e de distribuição dos dados aos pesquisadores e ao público em geral. Essas tendências, proporcionadas pela facilidade de acesso e de tratamento dos dados, oferecem aos pesquisadores a possibilidade da obtenção de medidas menos subjetivas em seus estudos.

Órgãos públicos incumbidos de realizar levantamento sistemático de dados, como a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e como o Ministério do Trabalho, oferecem dados digitais gratuitos, ou a preços irrisórios, para os pesquisadores e para o público. Esses dados apresentam-se em formatos diferentes daqueles encontrados nas publicações impressas, o que lhes confere alto potencial de aplicação nas pesquisas geográficas. A maior novidade está na resolução dos dados, resolução esta que envolve a área de coleta e o tipo de informação coletada, referentes a essas áreas. Os dados agregados por setores e os dados da amostra foram o privilégio de poucos geógrafos na década de

1970: “os privilegiados geógrafos do FIBGE”, como afirmou Abreu (1994: 46). Hoje, esses dados são o privilégio de todos os cidadãos.

De acordo com o FIBGE (2003), durante o recenseamento geral, realizado de dez em dez anos, são aplicados dois tipos de questionários à população, no período de quatro meses do levantamento. O questionário básico é aplicado a todas as unidades domiciliares e são levantadas as informações básicas sobre os domicílios e sobre os seus moradores. O questionário da amostra, como o próprio nome faz referência, consiste em um questionário ampliado, que além das informações básicas, investiga informações sobre os domicílios e seus moradores como a migração, a ocupação socioprofissional, as deficiências de saúde, a renda, a instrução, a fecundidade, dentre outros atributos. Este procedimento constitui-se em um questionário completo, aplicado na forma de amostragem, a cada cinco domicílios para os municípios com até 15 mil habitantes, e a cada dez domicílios para os municípios com população maior que 15 mil habitantes.

A disseminação dos dados é efetuada por meio de dois procedimentos básicos: as informações gerais são divulgadas em agregados por setor censitário e as informações da amostragem por áreas de ponderação (AP), também denominadas de áreas de expansão domiciliar (AED). O setor censitário em áreas urbanas corresponde a uma unidade espacial, ou superfície, que comporta 300 domicílios, em média. Os dados agregados por setor são informações que já sofreram um tratamento prévio, e são divulgadas em blocos designados a abranger quatro aspectos fundamentais, a saber: as variáveis sobre o domicílio, sobre os responsáveis, sobre os habitantes e as informações sobre a instrução dos moradores.

As áreas de ponderação correspondem a um conjunto de setores censitários e envolvem 400 domicílios amostrados (FIBGE, 2002). Considerando que a cada setor censitário urbano são amostrados 30 domicílios, cada área de ponderação corresponde a um grupo de 12 a 14 setores, aproximadamente. Os dados de cada uma dessas áreas de ponderação são divulgados sob a forma de questionários respondidos, um para cada um dos domicílios, e um para cada habitante, ou pessoa moradora em cada domicílio. Para cada área de ponderação são 1.350 questionários, aproximadamente, referentes aos moradores, contendo 95 variáveis importantes, ou seja, cada pessoa deve responder 95 questões em cada questionário. Apesar da área de ponderação ocupar uma área maior, pois agrupa setores censitários, a grande vantagem é que os dados são brutos, ou podem ser considerados brutos embora coletados por órgãos oficiais. Para extrair informações importantes dos

dados é necessário submetê-los ao processo de tabulação, e esta operação envolve rotinas computacionais baseadas em álgebra booleana encontradas em programas de banco de dados e de planilhas eletrônicas.

Uma das maiores qualidades que os dados censitários apresentam é a possibilidade de aplicações em pesquisas geográficas, desde os estudos de grandeza intra-urbana até os estudos de grandeza nacional, passando pela ordem de grandeza regional. Esses dados possuem resolução espacial, termos muito conhecidos no âmbito das aplicações das técnicas de sensoriamento remoto, pois carregam um atributo relacionado a uma parcela da superfície terrestre, o setor censitário ou a área de ponderação. Por outro lado, os dados dizem respeito às características qualitativas e quantitativas da referida parcela da superfície terrestre, um amplo número de atributos e variáveis, que podem ser análogos à resolução espectral em sensoriamento remoto. Outra vantagem é que, aliados ao tratamento em Sistemas de Informação Geográfica baseados em computadores, os setores e as áreas de ponderação permitem a sua agregação em unidades espaciais maiores, bem como a agregação de seus atributos e variáveis. Desta forma os estudos e pesquisas geográficas não estão mais restritos a escalas, como questiona Castro (2011: 117 – 140), ou seja, abrem-se novas potencialidades, vislumbram-se novas formas de análise, existe maior flexibilidade para tratamento desses dados.

Os dados e o seu tratamento

Santos (2004, 2008 e 2009) destaca a importância de se estudar o espaço urbano envolvendo os dois circuitos da economia urbana em países em desenvolvimento, o circuito superior e o circuito inferior. Em sua classificação, os vendedores ambulantes, os prestadores de serviços pessoais e os trabalhadores ligados aos serviços domésticos são categorias socioprofissionais pertencentes ao circuito inferior, enquanto os trabalhadores assalariados da indústria, os executivos, os gerentes e os administradores fazem parte do circuito superior. Neste sentido, a Cartografia, inserida no âmbito da Geografia, a Cartografia Temática, tem muito a contribuir para representar a distribuição de pessoas em categorias socioprofissionais. Para efetuar tal tarefa, o cartógrafo pode lançar mão dos dados censitários coletados pelos órgãos oficiais, bem como tratar esses dados de maneira específica, e, conseqüentemente, atingir este fim.

Atualmente, o IBGE divulga os resultados dos Recenseamentos Gerais sob a forma impressa e em meio digital. A forma impressa consiste em um enorme conjunto de tabelas agrupadas, ou organizadas, por temas: composição da população, migração, domicílios etc. Os dados também são utilizados em outros estudos realizados pelos próprios profissionais do IBGE e, posteriormente, divulgados sob a forma de pesquisas específicas, ou ainda podem ser condensados em anuários estatísticos. Vale ressaltar que há empenho do órgão recenseador em transformar as obras impressas para o meio digital e, dessa maneira, torná-las acessíveis ao público.

Os dados digitalizados, bases cartográficas e tabelas, podem ser adquiridos em meio magnético a baixo custo (Compact Disk - Read Only Memory), ou adquiridos, ou consultados, gratuitamente, por intermédio da rede mundial de computadores (Internet). Após a aquisição, o pesquisador necessita de computadores e programas computacionais específicos, como Sistemas de Informação Geográfica, programas estatísticos e planilhas eletrônicas, para a transformação e para o tratamento desses dados.

Nesta pesquisa foram utilizados dois tipos de dados, os da amostra referentes aos Recenseamentos Gerais realizados em 2000 e 2010, pelo IBGE. Os dados cartográficos, referentes ao censo de 2000, foram adquiridos junto ao Centro de Estudos da Metrópole (CEM), por meio da rede mundial de computadores e inseridos no Sistema de Informação Geográfica ArcGIS® versão 9.3.1., produzido pela *Environmental Systems Research Institute* (ESRI) e distribuído, no Brasil, pela Imagem Geosistemas e Comércio Ltda. Neste Sistema de Informação Geográfica, os mapas dos setores censitários sofreram modificações e alterações. Inicialmente foram selecionados os polígonos representativos dos setores censitários relativos aos municípios de Barueri, Carapicuíba, Cotia, Embu, Itapeverica da Serra, Itapevi, Jandira, Osasco, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista.

Os questionários da amostra, ou microdados da amostra, são produzidos e distribuídos pelo IBGE em formato de texto, isto é, linhas contendo caracteres alfanuméricos. Os dados em forma de texto necessitam conversão de formato para as planilhas eletrônicas a fim de serem tabulados. A conversão de formato texto para o formato planilha eletrônica foi realizada mediante o uso do programa computacional *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS®), licenciado pela Universidade de São Paulo. Neste mesmo programa estatístico foram selecionados os dados, os questionários, correspondentes a cada Área de Ponderação

e, depois, efetuou-se a transferência dos dados ao programa de planilha eletrônica (Excel®) para posterior tabulação.

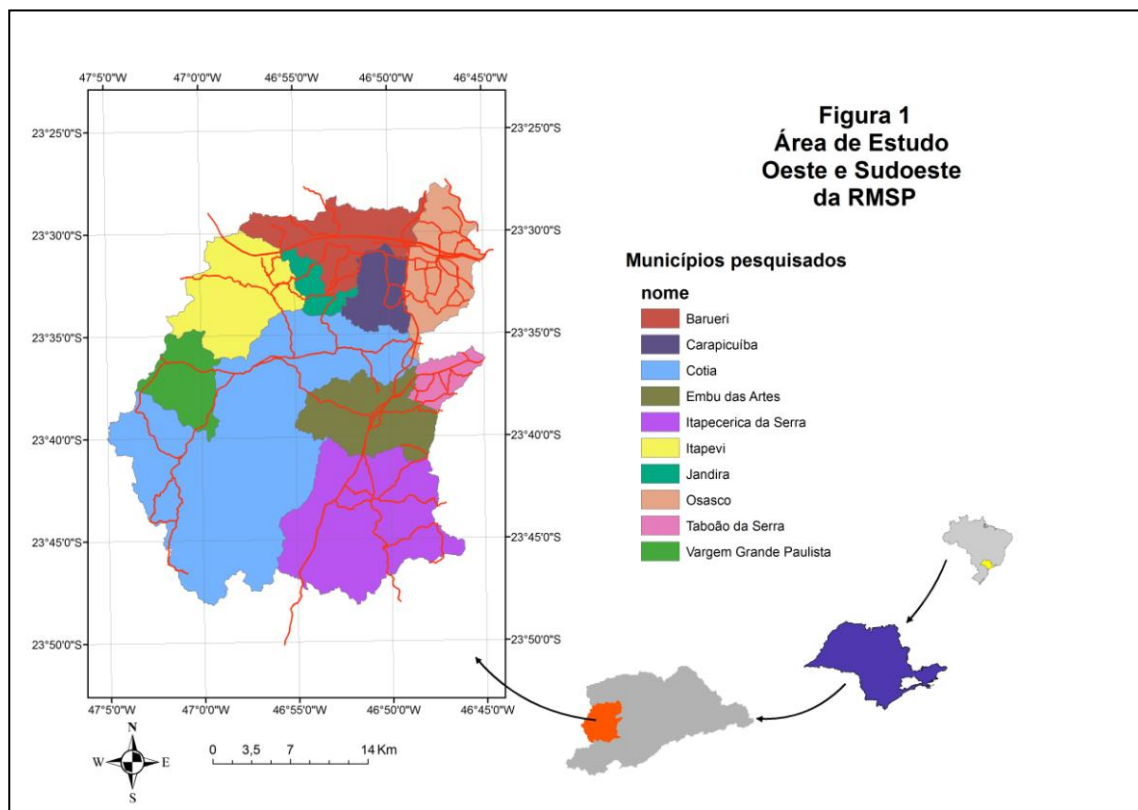
Basicamente, há dois tipos de dados referenciados para cada Área de Ponderação, o correspondente aos domicílios e o correspondente às pessoas. A etapa consistiu em obter características fundamentais das trabalhadoras do ramo têxtil e de confecções para as duas épocas como a proporção dessas trabalhadoras em relação à População Economicamente Ativa (PEA). As características fundamentais foram o grau de instrução, a formalidade no emprego, a renda, a idade média, a cor da pele e a migração.

A tabulação dos dados consistiu em elencar um determinado número de variáveis por meio de recursos computacionais existentes nas planilhas eletrônica. Cada expressão foi construída com base nos princípios da álgebra booleana nas próprias planilhas eletrônicas. Algum conhecimento sobre linguagem de programação como o BASIC, o FORTRAN ou o COBOL, auxilia esta fase de tabulação de dados.

A análise temporal, utilizando-se dos dados de 2000 e 2010, teve como objetivo avaliar as mudanças ocorridas em relação ao trabalho desempenhado pelas mulheres no ramo têxtil e no ramo do vestuário e de confecções, ou seja, o objetivo foi analisar, principalmente, as condições das operadoras de máquinas de costura na primeira década do século XXI. As mesmas etapas seguidas para a obtenção dos dados deste grupo socioprofissional foram aplicadas, sendo que a principal diferença foi a de considerar apenas o trabalho feminino. As variáveis qualificadoras foram similares para as duas épocas. As unidades espaciais examinadas foram os municípios, pois as Áreas de Ponderação não são as mesmas para as duas datas, assim, os dados só puderam ser associados aos municípios.

O Oeste e o Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo

A área de estudo desta pesquisa foi o Oeste e o Sudoeste da RMSP, espaço que engloba os municípios de Barueri, Carapicuíba, Cotia, Embu das Artes, Itapeverica da Serra, Itapevi, Jandira, Osasco, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista. Situa-se, aproximadamente, entre os meridianos 46º45' e 47º05' de longitude Oeste e entre os paralelos 23º25' e 23º45' de latitude Sul (figura 1). Hoje a área conta com mais de 2 milhões de habitantes (2.176.372 em 2000 e 2.467.705 em 2010) que residem nas Sub-Regiões Oeste e Sudoeste da RMSP, localizam-se, em sua maioria, em áreas urbanas.



A área apresenta usos diversos, desde locais densamente urbanizados, ocupados por pessoas ricas e pobres, locais destinados às atividades agrícolas, enclaves fortificados horizontais, áreas industriais e as destinadas às operações logísticas, os centros de serviços do terciário moderno, além dos centros das cidades que funcionam como os locais de serviços ligados ao comércio e à administração. Uma área com características de zona pericentral (AMORIN FILHO, 2005), ou da fronteira urbana (TORRES, 2005), por apresentar a diversificação de uso da terra e por ser receptora de um intenso fluxo migratório, nos últimos trinta anos, o que lhe confere um crescimento populacional significativo.

Nos anos de 1950, Itapepera da Serra e Cotia eram as unidades administrativas que abrangiam territorialmente boa parte das sub-regiões oeste e sudoeste, pois dessas unidades foram originados os vários municípios, hoje, pertencentes a essas sub-regiões. Essas circunscrições administrativas figuraram como subúrbios agrícolas da RMSP (COSTA, 1958), em que as atividades, exercidas por caipiras, por imigrantes e seus descendentes, mesclavam-se nesses espaços.

A fabricação do carvão e a produção de lenha também marcaram presença como atividades econômicas, a matéria prima foram os vários tipos de madeiras da floresta original, da floresta secundária e dos eucaliptais, estes cultivados em terrenos íngremes. Outras

atividades do setor primário marcaram presença na paisagem, e algumas perduram até hoje, como a extração de areia, a exploração do caulim e as pedreiras.

A produção de tijolos abundou na área, principalmente, aproveitando as argilas depositadas nas planícies de inundação. De maneira similar à extração mineral, seus produtos, em sua maioria, destinavam-se à principal cidade da região, a cidade sede da região metropolitana.

Um elemento característico da paisagem, e que marca até os dias atuais, constituem os sítios de recreio, onde campos de futebol, jardins, piscinas, casas antigas conservadas e casas destinadas aos empregados são elementos integrantes da propriedade. Esses sítios eram cuidados pelos empregados, moradores no próprio local, e utilizados pelos proprietários e seus familiares aos finais de semana. A fuga da cidade e o proveito da tranquilidade do campo eram as finalidades desses locais aos fins de semana.

As rodovias, apesar de serem modernas e pavimentadas, não trouxeram outras atividades econômicas durante a época. Entretanto, como ressalva Costa (1958), a ferrovia provocou o aparecimento de loteamentos destinados a operários que trabalhavam em São Paulo. Itapevi, na época distrito de Cotia, concentrava um efetivo populacional maior que o da sede municipal. Neste distrito, a ferrovia também fez nascer a atividade secundária, representadas por uma indústria de cimento e por outra de engarrafamento de vinhos. A presença da Estrada de Ferro Sorocabana, atualmente um dos ramais da Companhia de Trens Metropolitanos (CPTM), marcou, e marca até hoje, a expansão de bairros em suas porções lindeiras.

Se por um lado, o oeste e o sudoeste, no final dos anos 1950, apresentaram características rurais, a parte norte da área encabeçada por Osasco, possuía características de função industrial. A estrada de ferro também foi o elemento catalisador da função industrial, pois em seus limites instalaram-se grandes edifícios servidos por ramais atrelados ao tronco principal (PENTEADO e PETRONE, 1958). Frigorífico, fábrica de postes, fábrica de artefatos de cimentos amianto e outras indústrias menores alojaram-se ao lado da ferrovia. O parque industrial fez nascer os bairros operários e os locais com atividades comerciais. Mais a oeste destes locais, mas, de igual modo, nas porções lindeiras à ferrovia, instalações militares marcam, até hoje, sua presença. Colaborando com a ferrovia, a estrada de Itu, uma rodovia, constituiu-se em um vetor de expansão urbana, pois muitos loteamentos com residências modestas situaram-se às margens deste eixo de circulação.

O eixo ferroviário, ligando o centro da capital a Itapevi, figurou como importante agente de expansão urbana. Neste trecho, a partir de Osasco, foram intercaladas várias estações que originaram diversos bairros. Estes abrigavam uma população residente, que, aproveitando-se dos trens de subúrbio, deslocava-se diariamente para trabalhar na capital (LANGENBUCH, 1971).

Ao lado dos eixos ferroviários, a circulação rodoviária expressa por linhas de ônibus; com trajetos curtos conectando as estações ferroviárias a bairros situados à pequena distância destas, em traçados perpendiculares ao eixo ferroviário, e outros trajetos que ligavam subcentros paulistanos a centros menores localizados nos limites da divisa do município sede; contribuiu para ratificar a importância desses centros menores e fez surgir inúmeros loteamentos residenciais. Este é o caso de Taboão da Serra, então pertencente ao município de Itapeverica da Serra, que já demonstrava ares de importância devido ao comércio local.

A década seguinte, 1960, marcada pela influência da ferrovia e pela construção e melhoria das rodovias interestaduais, assiste à proliferação de diversos empreendimentos destinados às classes médias e aos pobres, bem como acompanha o ressurgimento e o avivamento de antigas sedes municipais. As rodovias, principalmente as antigas estradas municipais, passam por melhorias em seus trajetos e em seus pavimentos. Essas estradas possibilitaram a implantação de linhas de coletivos, atrelando o centro e os bairros da capital aos novos empreendimentos imobiliários que proliferavam às suas margens. A estratégia imobiliária tinha como pressuposto a aquisição de terrenos pela população por meio de parcelas mensais, ação creditícia ao acesso a terra e à moradia pelas camadas populares. Ao contrário dos povoados nascidos em torno de estações ferroviárias, os novos empreendimentos imobiliários, loteamentos, sítios ao longo das rodovias apresentavam flexibilidade em sua implantação. Esta flexibilidade permitiu que os lotes fossem alocados de maneira dispersa, e, quando não situados às margens da rodovia, os empreendimentos foram implantados à pequena distância do eixo rodoviário. Estes loteamentos de implantação recente, não raras vezes, exigiam dos novos proprietários caminhadas de mais de meio quilômetro para atingirem os pontos de parada de coletivos, e de lá ter acesso a outros locais, principalmente o de trabalho. Este cotidiano perdurava até que o empreendimento apresentasse condições vantajosas para que fossem estabelecidas linhas de coletivos em seu interior.

Ao lado das estradas municipais, as rodovias de caráter regional e interestadual passaram por melhorias estruturais ou foram estabelecidas. No início dos anos 1960, a Rodovia Raposo

Tavares, que ligava a capital paulista à capital paranaense, além do interior do estado, passa por modificações em seu trajeto e em suas margens, constituindo-se em um novo tipo moderno de via de circulação. No mesmo decênio houve a inauguração de duas novas rodovias com características modernas, a Régis Bittencourt em 1961, ligando a capital paulista aos estados do sul do país, e a Castello Branco inaugurada em 1968, que possibilitou o acesso dos paulistanos ao interior do estado. Esses três eixos rodoviários, radiais à capital, estruturaram o avanço do processo de urbanização para o oeste e para o sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo.

A rodovia Raposo Tavares, que liga, principalmente, o Bairro do Butantã, na capital paulista, até Vargem Grande Paulista, na época distrito de Cotia, influenciou a abertura de novos loteamentos, não só destinados à população de baixa renda, mas também para as camadas de maior poder aquisitivo. Neste contexto, nas proximidades da cidade de Cotia inaugurou-se um empreendimento imobiliário composto de chácaras residenciais, em que o contato com a natureza foi o atrativo mais importante, denominado de Vila São Francisco, hoje conhecida por Granja Viana. Apesar de Langenbuch (1971: 220) creditar pequena importância a este tipo de empreendimento imobiliário, pode-se dizer que, este resulta na semente desencadeadora do lançamento de loteamentos similares e no catalisador das transformações na paisagem nos anos posteriores. Em decorrência das modificações no eixo rodoviário houve, também, a instalação de pequenos e médios estabelecimentos industriais nas porções lindeiras à Raposo Tavares, ocasionando a transformação econômica do município cotiano.

Carlos (2008), em estudo realizado posteriormente, apresenta os principais aspectos das transformações ocorridas no município cotiano, ao longo da rodovia. Os contrastes são enormes e evidentes, de um lado há bairros-dormitórios destinados à classe de alta renda, habitados por pessoas, em sua maioria, provenientes da capital e que tiveram a possibilidade de escolher o local de sua moradia, onde abundam as residências suntuosas. Os loteamentos populares, compostos de lotes menores e de habitações erguidas pelo processo de autoconstrução, estão situados ao lado dos condomínios de luxo, ratificando, assim, uma das novas formas de segregação. Além dos espaços destinados à moradia, há os espaços industriais, marcados por grandes edifícios situados às margens da rodovia ou situados em bolsões nas estradas vicinais, intercalados com os bairros operários, ou loteamentos populares. Essas transformações provocam alterações no núcleo central de

Cotia, fazendo com que haja um crescimento e uma diversificação dos serviços terciários, atividades características das zonas centrais das cidades.

A rodovia Régis Bittencourt, em seu trecho inicial aproveitou segmentos de antigas estradas municipais, que foram retificados e alargados. Neste início da via de circulação rodoviária já existiam processos de urbanização, um deles deu origem ao centro de serviços de Taboão da Serra. Na época, além deste novo município desmembrado de Itapeverica da Serra, surge outra circunscrição administrativa originada da mesma unidade mais antiga, Embu das Artes. A parte leste de Taboão da Serra e o conjunto dos bairros paulistanos do Campo Limpo e do Capão Redondo delineavam uma faixa contínua de um tecido urbano consolidado, caracterizada pela expansão da capital. O extravasamento dos limites administrativos de São Paulo deu a esta área características dos processos de conurbação, em que a identificação dos limites administrativos torna-se difícil. Nos anos posteriores, o eixo viário compreendeu um importante vetor de expansão urbana, assim, houve a instalação de indústrias e de loteamentos populares destinados à classe de baixa renda.

No final do período, em 1968, é inaugurada a Rodovia Castello Branco, uma via de circulação com características modernas, atestada pelos percursos retilíneos, pelas curvas dotadas de amplos raios, pelos cortes profundos e pelos altos aterros com vistas a atenuar as diferenças de declividade. A rodovia contou também com as pistas duplicadas e amplas. O moderno eixo de circulação integrou o plano viário metropolitano iniciado com as obras das marginais localizadas no município sede da região metropolitana. Mais tarde a rodovia induziu o assentamento residencial das classes mais abastadas, por intermédio dos condomínios fechados. Alphaville e Tamboré, exemplos ilustrativos, datados de 1974, originam um novo tipo de empreendimento imobiliário difundido não só para as cidades da Região Metropolitana de São Paulo, mas também para outras regiões do Estado e do país. Aliado à parte residencial, o condomínio fechado, fazem parte do empreendimento os núcleos empresariais e os núcleos de comércio e de serviços. O conjunto desses edifícios possibilita ao morador do condomínio residencial estar próximo ao local do trabalho, ou ter acesso ao local de trabalho por meio de uma autovia moderna.

Além das três rodovias e da via férrea que comandam a expansão urbana, as estradas vicinais, em trajetos perpendiculares aos grandes eixos, transformaram-se em ruas e avenidas, contribuindo para a consolidação do tecido urbano. Estradas deste tipo ainda conservam grandes glebas de terras em suas cercanias, tornando-as, em curto espaço de

tempo, objeto de especuladores imobiliários, tanto para a instalação dos loteamentos populares, quanto para a implantação dos empreendimentos destinados à população de renda mais alta.

Enfim, pode ser constatado que as regiões Oeste e Sudoeste da RMSP apresentam diversidade de usos. Habitações edificadas, pelo processo de autoconstrução, estão disseminadas por toda a área. Condomínios fechados, concentrados e em alguns locais específicos são perceptíveis na paisagem, mas há também os que se encontram dispersos em outros territórios municipais. Conjuntos habitacionais implantados pelos governos municipais e pelo estadual onde predominam os habitantes com renda mais baixa. Centros de sedes municipais dominados pelo comércio e pelos serviços administrativos, habitados por uma parcela da população que percebe rendimentos médios. Residências campestres ocupadas aos finais de semana pelos seus proprietários, os quais têm como objetivo temporário o descanso da vida atribulada e acelerada da cidade. Concentrações de edifícios industriais, principalmente em localidades adjacentes às rodovias. Comércio, serviços e equipamentos destinados ao lazer, dispersos linearmente junto aos eixos de circulação, ou concentrados em algumas localidades específicas. Atividades agrárias exercidas em pequenos sítios situados às margens das estradas rurais, assim como as outras atividades primárias minerárias.

A situação das trabalhadoras no ramo têxtil e de confecções, ou vestuário, na primeira década do século XXI

Devido à importância do setor têxtil e de confecções como pertencente ao circuito inferior da economia urbana, esta pesquisa busca oferecer um panorama das transformações ocorridas relacionadas a este tipo de trabalho, desenvolvido exclusivamente pelas mulheres, nas Sub-Regiões Oeste e Sudoeste da RMSP. Tomou-se como referência o período delimitado pelos dois últimos recenseamentos gerais. A fonte de dados foram os questionários da amostra aplicados nos censos de 2000 e de 2010. Esses dados levam em consideração os limites das menores unidades administrativas brasileiras, os municípios, pois não há garantia de que façam referência espacial à mesma Área de Ponderação, ou às Áreas de Expansão Domiciliar (AED), visto que essas mudam, a cada censo realizado. Em vista da metodologia empregada pelo IBGE, os limites de cada município da área de estudo foram considerados como unidades espaciais de análise para verificação das transformações

ocorridas entre as datas. A tabulação dos questionários possibilitou a seleção das pessoas do sexo feminino que declararam exercer atividades relacionadas no ramo da tecelagem e da indústria de confecções. As operadoras de máquinas de costura predominam neste ramo de atividade, alcançando a marca de 94% aproximadamente. As demais ocupações estão inseridas nas atividades de tinturaria, branqueamento de tecidos, operadoras de teares e confecção de artefatos de couro.

O tratamento dos dados permitiu efetuar estimativas sobre a quantidade de trabalhadoras no setor têxtil e de confecções, bem como realizar algumas observações sobre seus atributos qualificadores nas datas pesquisadas. As estimativas e proporções são apresentadas sob a forma tabela contendo valores relativos. Os principais atributos analisados para as duas datas do censo foram a participação das mulheres inseridas no ramo têxtil e de confecções em relação à população feminina economicamente ativa, as alterações sofridas no nível de renda por essas mulheres, a variação da formalidade e informalidade neste tipo de emprego, as mudanças quanto ao grau de instrução dessas mulheres, a participação de mulheres brancas, negras e pardas, e, por fim, os diferenciais na origem dos fluxos migratórios. Não houve, porém, a possibilidade de avaliar as diferenças nos fluxos pendulares, pois os dados do último recenseamento, o de 2010, não descreve esse tópico, ou seja, as questões relativas ao município onde se encontra a moradia e onde se encontra o local de trabalho foram substituídas pelo tempo de deslocamento para se chegar ao local de trabalho. Por outro lado, os dados referentes ao ano de 2010 trazem a informação sobre o domicílio como local de trabalho.

Os dados contidos na tabela 1 revelam que as mulheres estão aumentando a sua participação na população economicamente ativa (PEA) na área em estudo. Em 2000 a participação feminina em valores proporcionais era de 38,38%, passando para 44,33% em 2010. A diferença registra o aumento médio significativo em torno de 6%, indicando maior participação feminina no mercado de trabalho. Dentro da área de estudo Taboão da Serra registrou as maiores proporções de participação feminina no mercado de trabalho, sendo os aumentos significativos verificados para Itapeverica da Serra e Cotia. Essas informações corroboram com os resultados das pesquisas realizadas por Castells (1999) e por Leite (2003) sobre o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o que também ocorre no Oeste e no Sudoeste da RMSP.

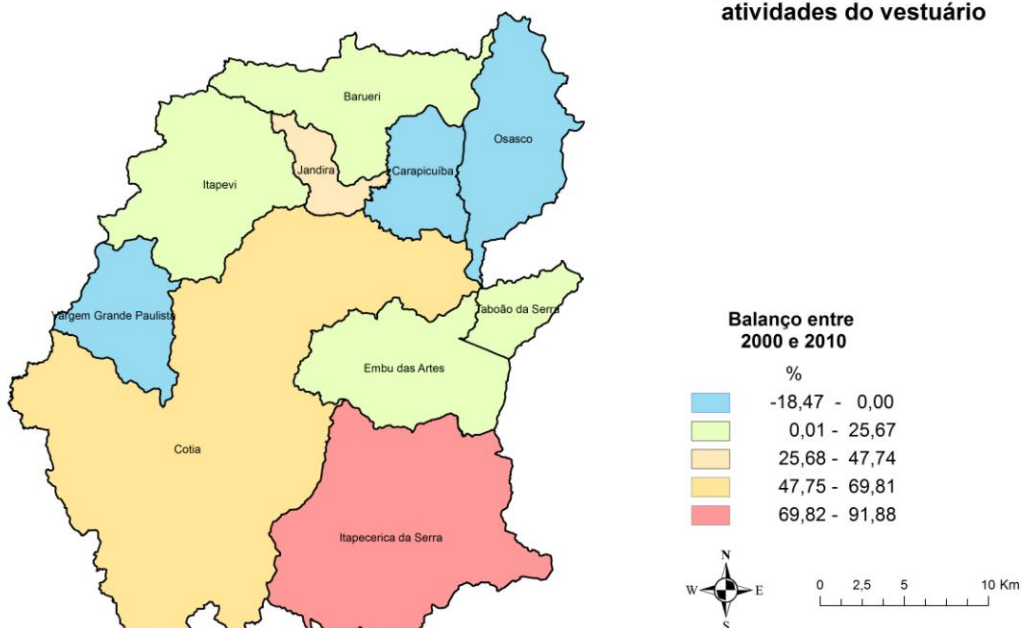
Tabela 1 - Variação proporcional das mulheres no mercado de trabalho entre 2000 e 2010.

Município	Amostra PEA 2010	Mulheres em idade ativa 2010	Amostra mulheres ativas 2010	Proporção de mulheres ativas 2010	Amostra PEA 2000	Mulheres em idade ativa 2000	Amostra mulheres ativas 2000	Proporção de mulheres ativas 2000	Diferença proporcional 2010 - 2000
Barueri	10896	8509	4696	43,10	7918	7453	2981	37,65	5,45
Carapicuíba	16068	13277	7057	43,92	12428	11956	4772	38,40	5,52
Cotia	8349	6134	3805	45,57	5748	5156	2244	39,04	6,53
Embu das Artes	10656	8626	4729	44,38	7913	7719	3094	39,10	5,28
Itapecerica da Serra	6867	5340	3077	44,81	4916	4559	1854	37,71	7,09
Itapevi	4689	3777	2034	43,38	5471	5534	1989	36,36	7,02
Jandira	5264	3863	2291	43,52	3677	3358	1351	36,74	6,78
Osasco	15511	12221	6989	45,06	26479	23927	10764	40,65	4,41
Taboao da Serra	5174	3751	2438	47,12	8008	7341	3338	41,68	5,44
Vargem Grande Paulista	2008	1509	853	42,48	1265	1116	462	36,52	5,96

Fonte: IBGE microdados 2000-2010

As estimativas baseadas na população feminina em idade ativa para cada município e a proporção de mulheres neste ramo da economia urbana, trabalhadoras no setor têxtil e de confecções, foram obtidas mediante a tabulação dos questionários e estão sumarizadas na tabela 2 e na figura 2. O resultado dessa aproximação comprova a estabilidade no número absoluto de mulheres empregadas nas atividades no ramo do vestuário, pois não houve aumento proporcional significativo, sendo as médias proporcionais relativas às duas datas consideradas iguais, representadas pelas cifras de 1,87% para o ano de 2000 e de 1,67% para o ano de 2010. Conforme teste estatístico apregoado por Levin e Fox (2004), tomando-se o nível de significância de 0,05, esses valores podem ser considerados iguais. Os decréscimos foram apresentados pelos municípios de Carapicuíba, de Osasco e de Vargem Grande Paulista, enquanto os demais municípios revelaram pequenos acréscimos, destacando as unidades administrativas de Itapeverica da Serra e de Cotia. Apesar da existência da maior participação da mulher no mercado de trabalho, estes valores indicam a migração das mulheres para outras ocupações socioprofissionais.

Figura 2 - Trabalhadoras em atividades do vestuário



Fonte: microdados IBGE (2000 e 2010)

Tabela 2 - Estimativa das mulheres em atividades do vestuário entre 2000 e 2010.

Município	População de mulheres em idade ativa 2010	População de mulheres em idade ativa 2000	Mulheres em idade ativa 2010 amostra	Mulheres em idade ativa 2000 amostra	Mulheres em atividades do vestuário 2010 amostra	Mulheres em atividades do vestuário 2000 amostra	Proporção de mulheres em atividades do vestuário em relação à amostra 2010	Proporção de mulheres em atividades do vestuário em relação à amostra 2000	Estimativa das mulheres em atividades do vestuário em 2010	Estimativa das mulheres em atividades do vestuário em 2000	Aumento absoluto estimado	Aumento proporcional em relação a 2000
Barueri	88743	70806	8509	7453	153	150	1,80	2,01	1596	1425	171	11,97
Carapicuíba	135401	120370	13277	11956	256	316	1,93	2,64	2611	3181	-571	-17,94
Cotia	72533	50883	6134	5156	80	64	1,30	1,24	946	632	314	49,78
Embu das Artes	87659	71102	8626	7719	112	104	1,30	1,35	1138	958	180	18,81
Itapecerica da Serra	53450	43295	5340	4559	71	39	1,33	0,86	711	370	340	91,88
Itapevi	70618	52932	3777	5534	78	128	2,07	2,31	1458	1224	234	19,12
Jandira	39672	30841	3863	3358	101	85	2,61	2,53	1037	781	257	32,87
Osasco	247882	231992	12221	23927	194	427	1,59	1,78	3935	4140	-205	-4,96
Taboao da Serra	91374	70539	3751	7341	56	131	1,49	1,78	1364	1259	105	8,37
Vargem Grande Paulista	15162	10888	1509	1116	19	24	1,26	2,15	191	234	-43	-18,47

Tabela 3 - Variação de renda das mulheres em atividades do vestuário entre 200 e 2010

Município	Renda média de mulheres em atividades do vestuário 2010	Renda média de mulheres em atividades do vestuário 2000	Diferença da renda média das mulheres em atividades de vestuário entre 2010 e 2000	Renda das mulheres formais em atividades do vestuário 2010	Renda das mulheres formais em atividades do vestuário 2000	Diferença da renda das mulheres formais em atividades do vestuário entre 2010 e 2000	Renda das mulheres informais em atividades do vestuário 2010	Renda das mulheres informais em atividades do vestuário 2000	Diferença da renda das mulheres informais em atividades do vestuário entre 2010 e 2000	Renda das mulheres autônomas em atividades do vestuário 2010	Renda das mulheres autônomas em atividades do vestuário 2000	Diferença da renda das mulheres autônomas em atividades do vestuário entre 2010 e 2000
Barueri	1,37	2,50	-1,13	1,38	2,68	-1,30	1,42	2,67	-1,25	1,36	2,81	-1,45
Carapicuíba	1,28	2,40	-1,12	1,52	2,62	-1,10	1,15	2,17	-1,02	1,24	2,08	-0,84
Cotia	1,58	2,75	-1,17	1,60	2,66	-1,06	1,36	2,36	-1,00	1,68	3,16	-1,48
Embu das Artes	1,32	2,13	-0,81	1,52	2,70	-1,18	1,14	2,06	-0,92	1,23	1,90	-0,67
Itapecerica da Serra	1,17	2,47	-1,31	1,47	3,89	-2,42	0,90	2,85	-1,95	1,11	2,51	-1,40
Itapevi	1,57	2,28	-0,71	1,54	2,50	-0,96	1,05	1,88	-0,83	1,98	2,35	-0,37
Jandira	1,12	2,28	-1,16	1,29	2,51	-1,22	1,12	1,85	-0,73	1,06	2,17	-1,11
Osasco	1,41	3,27	-1,86	1,51	2,60	-1,09	1,08	2,75	-1,67	1,50	3,45	-1,95
Taboao da Serra	1,44	2,78	-1,34	1,80	3,04	-1,24	0,92	2,12	-1,20	1,43	2,69	-1,26
Vargem Grande Paulista	1,52	2,92	-1,40	1,60	3,27	-1,67	1,18	1,99	-0,81	1,45	2,85	-1,40

Fonte: IBGE microdados 2000-2010

Relativo aos ganhos mensais percebidos pelas trabalhadoras do setor têxtil e de confecções, o tratamento dos dados revela queda nos rendimentos mensais. Este decréscimo é representado por uma fração de 1,20 salários mínimos em relação ao censo de 2000, conforme revelado pela tabela 3. A perda de rendimentos foi percebida em todos os tipos de contratos de trabalho, ou seja, para as trabalhadoras formais, para as informais e para as autônomas. Destes valores, as maiores perdas de rendimento foram verificadas para as mulheres com vínculos formais neste segmento do mercado de trabalho.

O decréscimo salarial foi também acompanhado pela queda relativa do emprego informal e o conseqüente acréscimo da formalização das trabalhadoras do vestuário, representado pelos valores proporcionais das trabalhadoras formalizadas e pelas trabalhadoras autônomas (tabela 4). A tabela resume os principais aspectos sobre a formalidade e informalidade do trabalho das mulheres que desempenham atividades no setor têxtil e de confecções entre 2000 e 2010, ocorridos na área de estudo. As mulheres sem carteira de trabalho assinada registraram uma diminuição ao redor de -6,0%. Apesar do aumento da formalidade empregatícia, a informalidade conforme Cacciamali (2007) é atestada pelos valores proporcionais relativos ao conjunto das trabalhadoras sem carteira assinada e das trabalhadoras autônomas, valores proporcionais de participação no segmento que superam as mulheres em condição de formalidade. Outra marca característica da informalidade e precariedade deste segmento é ratificada pelas mulheres que desempenham suas atividades no próprio domicílio, fato apenas revelado pelo censo de 2010. De acordo com Santos (2004), Silveira (2004) e Montenegro (2006), as proporções verificadas corroboram para a inserção dessas trabalhadoras no circuito inferior da economia urbana.

Nesses primeiros dez anos do século XXI, os resultados do tratamento dos dados demonstram melhora no nível de instrução das mulheres inseridas nos ramos de atividades relacionada ao setor têxtil e de confecções (Tabela 5). No período, houve diminuição proporcional das mulheres com ensino fundamental, enquanto, simultaneamente, ocorreu um aumento na proporção daquelas com o ensino médio. Essas variações foram da ordem de -13,20% em média, em relação ao ensino fundamental, portanto uma queda, e o aumento de 9,05% em média, relativo ao ensino médio. O fato coloca em evidência a possível universalização do ensino, o qual atinge as camadas mais baixas da população.

Tabela 4 - Condição de trabalho das mulheres do vestuário entre 2000 e 2010

município	Proporção de mulheres formais em atividades do vestuário 2010	Proporção de mulheres formais em atividades do vestuário 2000	Diferença proporcional de mulheres formais em atividades do vestuário entre 2010-2000	Proporção de mulheres informais em atividades do vestuário 2010	Proporção de mulheres informais em atividades do vestuário 2000	Diferença proporcional de mulheres informais em atividades do vestuário entre 2010-2000	Proporção de mulheres autônomas em atividades do vestuário 2010	Proporção de mulheres autônomas em atividades do vestuário 2000	Diferença proporcional de mulheres autônomas em atividades do vestuário entre 2010-2000	Proporção de trabalhadoras em domicílio em 2010*
Barueri	35,95	32,67	3,28	20,92	30,67	-9,75	42,48	35,33	7,15	54,25
Carapicuíba	31,64	36,39	-4,75	26,56	37,34	-10,78	40,23	25,63	14,60	49,61
Cotia	37,50	21,88	15,63	15,00	21,88	-6,88	46,25	56,25	-10,00	46,25
Embu das Artes	34,82	23,08	11,74	14,29	20,19	-5,91	50,89	52,88	-1,99	52,68
Itapeçerica da Serra	25,35	15,38	9,97	15,49	20,51	-5,02	59,15	64,10	-4,95	61,97
Itapevi	28,21	39,06	-10,86	30,77	36,72	-5,95	41,03	23,44	17,59	51,28
Jandira	36,63	47,06	-10,43	18,81	15,29	3,52	41,58	37,65	3,94	40,59
Osasco	34,02	29,51	4,51	19,59	28,10	-8,52	45,36	40,05	5,31	52,58
Taboão da Serra	25,00	27,48	-2,48	16,07	25,19	-9,12	58,93	42,75	16,18	55,36
Vargem Grande Paulista	63,16	41,67	21,49	10,53	12,50	-1,97	26,32	45,83	-19,52	31,58

* dados constantes apenas no censo de 2010

Fonte: IBGE microdados 2000-2010

Tabela 5 - Nível de instrução das mulheres do vestuário entre 2000 e 2010.

Município	Prporção de trabalhadoras do vestuário com nível fundamental de instrução em 2010	Prporção de trabalhadoras do vestuário com nível fundamental de instrução em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras em vestuário com nível de instrução fundamental entre 2010 e 2000	Prporção de trabalhadoras do vestuário com nível médio de instrução em 2010	Prporção de trabalhadoras do vestuário com nível médio de instrução em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras em vestuário com nível de instrução médio entre 2010 e 2000	Prporção de trabalhadoras do vestuário com nível superior de instrução em 2010	Prporção de trabalhadoras do vestuário com nível superior de instrução em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras em vestuário com nível de instrução superior entre 2010 e 2000
Barueri	56,21	68,67	-12,46	28,10	18,00	10,10	0,65	0,67	-0,01
Carapicuíba	60,55	72,78	-12,24	22,27	15,82	6,44	0,39	0,63	-0,24
Cotia	48,75	73,44	-24,69	30,00	17,19	12,81	2,50	0,00	2,50
Embu das Artes	54,46	64,42	-9,96	32,14	22,12	10,03	0,89	0,00	0,89
Itapeçerica da Serra	60,56	69,23	-8,67	25,35	25,64	-0,29	1,41	0,00	1,41
Itapevi	58,97	73,44	-14,46	23,08	15,63	7,45	1,28	0,00	1,28
Jandira	54,46	70,59	-16,13	36,63	16,47	20,16	0,00	1,18	-1,18
Osasco	52,58	66,04	-13,46	25,26	21,08	4,18	2,06	1,41	0,66
Taboão da Serra	62,50	72,52	-10,02	26,79	13,74	13,05	0,00	2,29	-2,29
Vargem Grande Paulista	52,63	62,50	-9,87	31,58	25,00	6,58	5,26	0,00	5,26

Fonte: IBGE microdados 2000-2010

As taxas não podem ser desconsideradas, pois comprovam a melhora do nível de instrução dessas trabalhadoras. Esse aumento no nível de instrução significa qualificação e, portanto, maiores possibilidades de alcançar níveis ocupacionais superiores no mercado de trabalho.

A participação das mulheres brancas, negras e pardas neste segmento do mercado de trabalho demonstra variações significativas (tabela 6). No período em análise sucedeu a queda na proporção de mulheres que se declararam brancas e atuantes no setor têxtil e de confecções, cuja mudança foi da ordem de -7,84%, em média. Por outro lado houve o acréscimo das mulheres declaradas de cor parda, denotado pela proporção positiva de 8,15% em média. Tal fato pode constituir-se em insignificância da cor da pele no setor de atividades, ou, por outro lado, a inexistência do caráter de discriminação relativa à cor da pele entre essas pessoas inseridas em atividades destituídas de conteúdo.

Ao contrário das quedas verificadas nos atributos analisados até o momento, constata-se um aumento na idade média das trabalhadoras do ramo têxtil e de confecções. Isto comprova a inexistência de inserção de um contingente de mulheres mais jovens para desempenhar as atividades relacionadas ao vestuário. Dentro do mercado de trabalho, as mulheres jovens possivelmente mais qualificadas e instruídas, tiveram outras oportunidades. No período estudado, entre 2000 e 2010, a idade média dessas mulheres passou de 38 para 44 anos (tabela 6), revelando a estagnação do segmento, pois significa que o contingente feminino inserido no segmento na primeira data continuou a ser o mesmo depois de dez anos. Em outras palavras, as mulheres jovens que ingressaram no mercado de trabalho, mais qualificadas e com nível de instrução médio, optaram por outras ocupações socioprofissionais.

A origem do fluxo migratório das mulheres no ramo têxtil e de confecções inverteu-se durante decênio analisado (tabela 7). Enquanto no ano de 2000 houve o registro do fluxo de migrantes proveniente preferencialmente da Região Nordeste, no ano de 2010 a origem das migrantes passou a ser a própria Região Sudeste. As mulheres nordestinas detinham uma proporção média de 7,17% no movimento migratório em 2000, passaram a registrar 4,69% em 2010, conseqüentemente resultando em um balanço negativo de -2,48%. O contrário aconteceu com os fluxos migratórios originados na Região Sudeste. O ano de 2000 registrou o fluxo proporcional de 0,66% das migrantes originadas das unidades da federação do Sudeste, já em 2010, 11,09% das migrantes eram oriundas desta região. O sudeste no cômputo final contribuiu com 10,43% das mulheres migrantes neste tipo de atividade.

Afirmar que os nordestinos não contribuem mais com o crescimento populacional dos municípios da Região Metropolitana de São Paulo seria uma conclusão precoce, pois outra análise aprofundada dos dados, considerando os municípios da última moradia, poderá revelar traços dos movimentos migratórios intra-metropolitanos e intra-estaduais efetuados por esta população.

Tabela 6 - Mulheres do vestuário, idade e cor da pele entre 2000 e 2010.

Município	Idade média das trabalhadoras em vestuário 2010	Idade média das trabalhadoras em vestuário 2000	Diferença da idade média das trabalhadoras em vestuário entre 2010 e 2000	Proporção das trabalhadoras em vestuário de cor branca em 2010	Proporção das trabalhadoras em vestuário de cor branca em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras brancas em vestuário entre 2010 e 2000	Proporção das trabalhadoras em vestuário de cor preta em 2010	Proporção das trabalhadoras em vestuário de cor preta em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras de cor preta em vestuário entre 2010 e 2000	Proporção das trabalhadoras em vestuário de cor parda em 2010	Proporção das trabalhadoras em vestuário de cor parda em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras de cor parda em vestuário entre 2010 e 2000
Barueri	42,27	37,21	5,06	46,41	62,00	-15,59	5,23	6,00	-0,77	47,71	30,67	17,05
Carapicuíba	43,49	37,32	6,17	50,00	58,54	-8,54	6,25	5,38	0,87	43,75	35,13	8,62
Cotia	43,49	38,13	5,35	48,75	67,19	-18,44	6,25	3,13	3,13	45,00	28,13	16,88
Embu das Artes	44,78	40,04	4,74	48,21	53,85	-5,63	4,46	2,88	1,58	46,43	41,35	5,08
Itapecerica da Serra	46,86	37,57	9,29	53,52	64,10	-10,58	1,41	2,56	-1,16	45,07	33,33	11,74
Itapevi	44,00	36,29	7,71	42,31	48,44	-6,13	7,69	9,38	-1,68	50,00	40,63	9,38
Jandira	40,42	35,61	4,80	52,48	50,59	1,89	4,95	3,53	1,42	41,58	44,71	-3,12
Osasco	43,43	37,73	5,70	46,91	63,93	-17,03	3,61	2,81	0,80	48,97	31,38	17,59
Taboão da Serra	48,38	39,98	8,39	67,86	57,25	10,61	3,57	3,82	-0,25	23,21	35,88	-12,66
Vargem Grande Paulista	47,21	39,29	7,92	36,84	45,83	-8,99	0,00	8,33	-8,33	52,63	41,67	10,96

Fonte: IBGE microdados 2000-2010

Tabela 7 - Origem das migrantes em atividades do vestuário entre 2000 e 2010

Município	Proporção de trabalhadoras em vestuário migrantes da Região Nordeste em 2010	Proporção de trabalhadoras em vestuário migrantes da Região Nordeste em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras do vestuário migrantes da Região Nordeste entre 2010 e 2000	Proporção de trabalhadoras em vestuário migrantes da Região Sudeste em 2010	Proporção de trabalhadoras em vestuário migrantes da Região Sudeste em 2000	Diferença proporcional das trabalhadoras do vestuário migrantes da Região Sudeste entre 2010 e 2000
Barueri	6,54	9,33	-2,80	5,23	0,67	4,56
Carapicuíba	2,34	9,18	-6,83	11,72	0,32	11,40
Cotia	6,25	3,13	3,13	12,50	3,13	9,38
Embu das Artes	8,93	3,85	5,08	9,82	0,00	9,82
Itapecerica da Serra	5,63	15,38	-9,75	11,27	0,00	11,27
Itapevi	5,13	3,13	2,00	16,67	0,78	15,89
Jandira	5,94	7,06	-1,12	12,87	0,00	12,87
Osasco	6,19	6,56	-0,37	7,73	0,94	6,80
Taboão da Serra	0,00	9,92	-9,92	17,86	0,76	17,09
Vargem Grande Paulista	0,00	4,17	-4,17	5,26	0,00	5,26

Fonte: IBGE microdados 2000-2010

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Sub-Regiões Oeste e Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo possuem componentes típicos caracterizadores das atuais zonas pericentrais, ou fronteiras urbanas, por apresentar elementos complexos e por exibir disparidades internas. Alguns locais carregados de novos recursos tecnológicos colocam essas sub-regiões em conexão com o mundo globalizado, pois nesses locais encontram-se as unidades produtivas, inseridas na reestruturação econômica, e as empresas de serviços com alto nível de especialização. Essas circunscrições são retratadas pelos condomínios industriais, condomínios de escritórios, e bem como edificações destinadas às operações de logística, comumente traduzidos por polos tecnológicos e edifícios inteligentes. As cidades de entorno, os condomínios fechados, os condomínios verticais e os grandes empreendimentos imobiliários muito valorizados, onde moram os indivíduos da classe média alta, estão também inseridos nesses espaços. Além de serem moradores, as pessoas da classe média alta dirigem-se para os locais de trabalhos em veículos recém-lançados pelas montadoras.

Outros espaços com velhas formas e conteúdos revelam a condição dual dessas sub-regiões, pois nesses locais proliferam as mercearias e os bares abastecedores do bairro, as pequenas oficinas que põem a rodar os velhos automóveis, as pequenas oficinas que dão sobrevida aos aparelhos domésticos, os ateliers das costureiras em seus próprios domicílios e os depósitos de material de construção de onde os montes de areia e os blocos de cimento emergem. Nesses espaços, os loteamentos irregulares e clandestinos abrigam as habitações subnormais, edificações autoconstruídas e sem os serviços básicos de água e esgoto. As ruas de terra apinhadas de sacos de lixo nas calçadas descalçadas e com cursos d'água exalando o odor dos dejetos domiciliares formam, com o vermelho das paredes sem reboco, a paisagem destes locais. São nesses locais que moram as pessoas destituídas de possibilidades econômicas, os domésticos, os biscateiros, os pedreiros, os eletricitas, os pintores, todos prestadores de serviços às pessoas moradoras de espaços mais nobres. O movimento das pessoas é percebido nos trens e outros meios de transporte públicos, em que as pessoas viajam sem nenhum conforto.

Tratando-se das mulheres inseridas no mercado de trabalho voltado para o setor têxtil e de confecções, setor do vestuário, o tratamento e a análise dos dados possibilitaram a verificação da estagnação do segmento na área de estudo. A estagnação foi acompanhada

pela redução nos rendimentos mensais das operadoras de máquinas de costura, principalmente, já que estas representam 94% do setor. Em relação ao nível de instrução das mulheres do setor, é inegável a melhora, tanto que as mulheres mais jovens optam pela inserção no mercado de trabalho por meio de outras categorias socioprofissionais.

Concluir sobre a estagnação do setor pode ser precoce, já que é um importante mercado de trabalho para a população ativa feminina, além de ser tradicional. A estabilidade foi verificada em parte da Região Metropolitana de São Paulo, o Oeste e o Sudoeste. Talvez existam áreas em processo de especialização na região metropolitana em que estrangeiros desempenham atividades atreladas ao setor têxtil e de confecções. Para confirmar a assertiva é necessário uma análise dos dados voltados para a região.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, MAURÍCIO DE ALMEIDA. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação – Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, 56 (1/4): 21 – 122, 1994.

Amorim Filho, O. B. Um modelo de Zoneamento Morfológico-Funcional do espaço intra-urbano das cidades médias de Minas Gerais In: Amorim Filho, O. B.; Sena Filho, N. de. A morfologia das cidades médias. Goiânia, Ed. Vieira, 2005. pp.17 - 69 cap.1. (ISBN 85-89779-20-3)

BERNARDES, ADRIANA. A nova divisão territorial do trabalho brasileira e a produção de informações na cidade de São Paulo (as empresas de consultoria). In: SANTOS, MILTON; SILVEIRA, MARIA LAURA. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2011. PP. 413 – 432. 15ª Ed.

CACCIAMALI, MARIA CRISTINA. (Pré-)Conceito sobre o setor informal, reflexões parciais embora instigantes. *Econômica*, 9 (1): 145 – 168, jun. 2007.

CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI. A (re)produção do espaço urbano. São Paulo, EDUSP, 2008. 270 p.

CASTELLS, MANUEL. A Sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999. V.1. 698 p. Trad. Roneide Venancio Majer.

CASTRO, INÁ ELIAS DE. O problema da escala. In: CASTRO, INÁ ELIAS DE; GOMES, PAULO CESAR DA COSTA; CORRÊA, ROBERTO LOBATO (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011. pp. 117 – 140. 14ª Ed.

COSTA, EMÍLIA VIOTTI Cotia e Itapeverica da Serra, subúrbio agrícolas. In. AZEVEDO, AROLDO (Org.) A Cidade de São Paulo: estudos de Geografia urbana. São Paulo, Cia. Editora Nacional. 1958. pp. 109 – 152. v. 4, cap. 3.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2000 – documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro, FIBGE, 2002. 166 p.

LANGENBUCH, JUERGEN RICHARD. A estruturação da Grande São Paulo. Rio de Janeiro, IBGE, 1971. 356 p.

LEITE, MÁRCIA DE PAULA. Trabalho e sociedade em transformação: mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 223 p.

LEVIN, JACK; FOX, JAMES ALAN. Estatística para a ciências humanas. São Paulo, Prentice Hall, 2004. 497 p. 9ª Ed. (Trad. FARIAS, ANA MARIA LIMA DE).

MARTINEZ, THIAGO SEVILHANO. Trabalho domiciliar feminino no Brasil: determinantes familiares e produtivos do trabalho remunerado exercido no próprio domicílio. São Paulo, FEA USP, 2008. (Dissertação de mestrado em Economia).

MONTENEGRO, MARINA REGITZ. O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização. São Paulo, FFLCH USP, 2006. (Dissertação de mestrado em Geografia Humana)

OLIVEIRA, ARIIVALDO UMBELINO DE. A mundialização do capitalismo e a geopolítica mundial no fim do século XX. In: ROSS, JURANDYR LUCIANO SANCHES (Org.). Geografia do Brasil. São Paulo, EDUSP, 2005. pp. 239 – 287.

PENTEADO, ANTONIO ROCHA; PETRONE, PASQUALE. São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais. In: AZEVEDO, AROLDO (Org.) A Cidade de São Paulo: estudos de Geografia urbana. São Paulo, Cia. Editora Nacional. 1958. pp. 61 – 107. v. 4, cap. 2.

SANCHEZ, MIGUEL CEZAR. A cartografia como técnica auxiliar da geografia. *Boletim de Geografia Teórica*, 3 (6): 31 – 46, 1973.

SANTOS, MILTON O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo, EDUSP, 2004. 433 p. 2ª Ed.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, EDUSP, 2006. 384p. 4ª Ed.

SANTOS, MILTON. Manual de Geografia urbana. São Paulo, EDUSP, 2008e. 228 p. 3ª Ed.

SANTOS, MILTON. Pobreza urbana. São Paulo, EDUSP, 2009. 136 p. 3ª Ed.

SANTOS, MILTON; SILVEIRA, MARIA LAURA. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro, Record, 2011. 477 p. 15ª Ed.

SILVEIRA, MARIA LAURA. São Paulo: os dinamismos da pobreza. In: CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI; OLIVEIRA, ARIIVALDO UMBELINO DE (Orgs.). *Geografias de São Paulo: Representações e crise da Metrópole*. São Paulo, Contexto, 2004. pp. 59 – 71. v.1.

SLOCUM, TERRY A. *et al.* Thematic cartography and geovisualization. Upper Saddle River, N.J., Pearson Prentice Hall, 2009. 561 p. 3ª Ed.

TORRES, Haroldo A fronteira paulistana. In: MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades. São Paulo, SENAC, 2005. p. 101 – 119. Cap. 4. (ISBN 85-7359-428-4).

Artigo recebido em 20/06/2013.

Artigo aceito em 05/07/2013.